



DOCENCIA - FORMACIÓN

INFLUENCIAS DO COMPORTAMENTO COMUNICATIVO VERBAL E NAO VERBAL DO DOCENTE EM SALA DE AULA-VISAO DOS ALUNOS E DOCENTES DE ENFERMAGEM.

INFLUENCIAS DEL COMPORTAMIENTO COMUNICATIVO VERBAL Y NO VERBAL DEL DOCENTE EN EL AULA. VISIÓN DE LOS ALUMNOS Y DOCENTES DE ENFERMERÍA.

***Paes da Silva, M^a. J. e **Kalil de Freitas Castro, R.**

*Profesora Livre -Docente do Departamento de Enfermagem. **Enfermeira graduada. Bolsista da FAPESP em 2001. Escola de Enfermagem. Universidade de Sao Paulo. Brasil.

Palavras chave: Comunicação, Não-verbal, professor-aluno, relacionamento interpessoal.

Palabras clave: Comunicación, no verbal, profesor-alumno, relación interpersonal.

RESUMO

Na interação professor-aluno, o professor tem um importante papel e seu bom desempenho depende da consciência e habilidade que tenha na comunicação. Nosso objetivo foi verificar junto aos discentes do curso de graduação em Enfermagem, o conhecimento e a importância atribuída aos sinais verbais e não-verbais na sua interação em sala de aula, comparando com uma pesquisa feita junto aos docentes de Enfermagem. Foi um estudo exploratório, transversal, na linha qualitativa em que foram entrevistados 15% dos discentes de cada ano de uma faculdade pública e de uma particular da cidade de São Paulo. A coleta de dados foi realizada através de questionários no 1º semestre de 2001. Nos alunos e docentes encontramos como aspectos que facilitam sua interação com o docente/aluno: características do professor, características do aluno, características do aluno e características comuns a professores e alunos. Como aspectos que interferem na comunicação do docente: o verbal e o não-verbal.

RESUMEN

En la interacción profesor-alumno, el profesor tiene un importante papel y su buen desempeño depende de la conciencia y habilidad que tenga en la comunicación. Nuestro objetivo fue verificar junto con los alumnos del curso de graduación en Enfermería, el conocimiento y la importancia atribuida a las señales verbales y no verbales en su interacción en la sala de aula, comparándolo con un estudio previo realizado con los

docentes de Enfermería. Fue un estudio exploratorio, transversal, en la línea cualitativa en que fueron entrevistados el 15% de los alumnos de cada año de una facultad pública y de una privada de la ciudad de San Pablo. La recogida de datos fue realizada a través de cuestionarios en el primer semestre del 2001. Tanto en los alumnos como en los docentes encontramos los siguientes aspectos que facilitan la interacción con el docente/alumno: **características del profesor, características del alumno, regularidad de contacto y características comunes a profesores y alumnos**. Como aspectos que interfieren en la comunicación del docente: lo **verbal** y lo **no verbal**.

INTRODUÇÃO

As emoções devem ser consideradas, mesmo quando se discutem aspectos racionais. Um ambiente escolar estressante é contra-produtivo porque reduz a habilidade para o aprendizado e, por outro lado, uma atmosfera agradável em classe, torna os estudantes mais aptos a resolver com sucesso problemas em situações potencialmente estressantes¹.

O professor pode despertar o interesse dos alunos quando se preocupa, não apenas em transmitir alguma mensagem, mas em entender os códigos conhecidos pelo aluno e tenta codificar essa mensagem de acordo com esse código já anteriormente conhecido. Necessariamente, o professor deve ser alguém sensível aos diferentes aspectos que envolvem as relações humanas². PAVAN³ chega a afirmar que o novo paradigma emergente na educação, propõe educação do corpo e do intelecto, aliada até a espiritualidade. Lembra que desde a Grécia antiga, a totalidade dos ser já era levada em conta quando se pretendia educar alguém.

GOLEMAN⁴ afirma que nós, seres humanos, não somos apenas razão, mas também e o tempo todo, emoção; portanto, o que o professor sente sobre o que está passando aos alunos, o que sente sobre a classe e a consciência que tem sobre a importância de expressar coerência entre o que fala e demonstra no seu corpo, pode alterar o grau de motivação do aluno em classe.

Toda aula tem uma parte manifesta e intencional, na qual são colocados nossos objetivos, e uma parte não intencional, que acontece em função de nossos valores e crenças, expressas através da sinalização não-verbal, ou seja, no jeito como nos relacionamos com os alunos, no nosso jeito de falar sobre o assunto, de olhar para a classe, de andar, de interagir.

Em sua pesquisa de campo das interações entre docente e alunos em sala de aula, ROCHA⁵ encontrou como aspectos facilitadores para o aprendizado: a dinâmica realizada em aula, a boa comunicação professor-aluno e o conteúdo relevante; como aspectos dificultadores: o tempo reduzido para a matéria, a inibição de alguns alunos e a falta de interesse pelo tema.

A tarefa de comunicar é mais fácil e efetiva quando o professor conhece bem seus alunos e, portanto, seus repertórios comunicativos, seus objetivos, suas experiências e signos, estando e demonstrando interesse em modificar e ampliar esses repertórios. Da boa comunicação dependem não só a aprendizagem, mas também o respeito mútuo, a cooperação e a criatividade⁶.

Segundo SILVA⁷, o homem encontra-se em constante interação com seu meio e, para isso, ele se utiliza da comunicação, sendo que esta comunicação ocorre também no contexto face a face. Entre os aspectos envolvidos nesse processo, estão as tentativas de compreender o outro comunicador e de se fazer compreendido, incluindo ainda a percepção

da pessoa, a possibilidade de conflitos - que podem ser intensificados ou reduzidos pela comunicação - e de persuasão, não existindo, por isso, comunicação totalmente objetiva, pois ela se faz entre pessoas, e cada pessoa é um mundo a parte com seu subjetivismo, experiências, cultura, valores, interesses e expectativas.

A pessoa do professor revela vários signos para o aluno: o signo icônico- que significa sua aparência, cor de pele, roupa, classe social, a forma exteriorizada de ser e tudo o que ele representa visualmente; o signo linguístico- que se concentra na língua com a qual se comunica; e o signo cibernético- que compreende os movimentos e os gestos².

BEZERRA² refere que o uso da linguagem, dos símbolos e das expressões, são códigos e estilos pessoais que podem facilitar a interrelação. O professor como signo se impõe, assim como se impõe a estrutura do ambiente da classe. Afirma que a intenção do professor deve ser coerente com sua ação e postura, promovendo a participação do aluno na aprendizagem, sem "dominar a situação", não tendo em sala de aula um ambiente artificial, onde o poder é exercido de forma autoritária, onde pensamento e ação não se identificam. Enfatiza: o ato educativo deve acentuar as relações, não as características de uma só pessoa.

A coerência de comunicação é expressa pela complementariedade entre seu verbal (associado às palavras expressas) e seu não-verbal (que é toda informação obtida por meio de gestos, posturas, expressões faciais, orientações do corpo, singularidades somáticas naturais ou artificiais, organizações dos objetos no espaço e até pela relação de distância mantida entre os indivíduos)⁷.

Nos encontros interpessoais, o não-verbal inclui aspectos de postura, relação de domínio, intimidade, transmissão e compartilhamento, definições de papéis e até diferenças sexuais. DAVIS⁸ afirma que para uma interação ocorrer, os envolvidos devem indicar que estão prestando atenção, ficando razoavelmente próximos, dirigindo a cabeça e/ou o corpo um para o outro, e trocando olhares, periodicamente. Cada um precisa também de *feedback* não-verbal do outro, enquanto estiver falando: olhares, meneios positivos de cabeça, reações faciais apropriadas e, até, murmúrios de encorajamento. Se não houver nenhum desses sinais, a conversa fatalmente acaba.

ROCHA⁵ realizou uma pesquisa de campo sobre as interações entre docentes e alunos em sala de aula. Nesta pesquisa, em que alunos e professor foram filmados durante uma aula agendada como parte do conteúdo programático vigente, descreve aspectos das manifestações não-verbais do professor, além das manifestações não-verbais dos alunos. Dentre estas manifestações não-verbais do docente, destacam-se as atitudes do professor que demonstravam interesse, envolvimento e gestos de aproximação com o que estava fazendo como, por exemplo, expressão facial sorridente, afetuosa e alegre, interesse em clarificar as questões do grupo, mesmo ao citar que o tempo estava reduzido para as atividades, o professor dava atenção a todas as interrupções e/ou questões dos alunos - olhando na sua direção e mantendo-se calado. Ouvia atentamente ao questionamento, voltando o corpo para o aluno e respondendo a questão, aproveitando para complementar o tema da aula. Esteve a maior parte do tempo com o corpo posicionado em direção ao grupo de alunos.

No processo de ensino-aprendizagem percebemos sinais não-verbais na própria sala de aula; por exemplo, quando fazemos uma pergunta, uns levantam a mão, outros desviam o olhar, uns inclinam lateralmente a cabeça e levantam as sobrancelhas. SOMMER⁹ afirma, quanto à localização dos alunos em sala de aula, que aqueles que fazem parte do triângulo invertido com o professor na base, são os que mais participam das discussões em classe.

Em outra experiência desenvolvida por ROSENTHAL¹⁰ et al, foi solicitado que se indicasse, num grupo de alunos, quais os mais inteligentes, quais os mais socialmente bem adaptados e com maior potencial educacional e, as crianças apontadas foram as fisicamente mais atraentes, verificando-se a existência de uma relação entre a atratividade física facial e a percepção de deficiências. As crianças com baixa atratividade eram freqüentemente pré-avaliadas como sendo as mais deficientes. Isso pode ser explicado porque já se sabe que há uma grande discrepância entre comportamentos e declarações das pessoas, no que diz respeito à importância que dão ao aspecto físico do outro¹¹.

É importante o professor conhecer essa sinalização não-verbal, não só para verificar o interesse da classe, mas para avaliar sua própria postura, que também interfere no interesse e no desempenho dos alunos. Eles são influenciados, a todo momento, como pode ser visto, pelos comportamentos assumidos pelo professor. Pensando neste aspecto é que fizemos uma pesquisa junto aos docentes de Enfermagem com o objetivo de verificar o conhecimento e a importância atribuída aos sinais não-verbais na sua interação em sala de aula. Foram entrevistados 25 docentes da Escola de Enfermagem da USP (aproximadamente 30% do total de docentes desta Escola), de outubro a dezembro de 1999. Como resultados, pudemos verificar que são considerados facilitadores da interação em sala de aula: as características do professor, as características do aluno, a regularidade de contato, o tipo de conteúdo exposto e a própria comunicação. Como aspectos referidos da comunicação do professor que interferem no momento da sala de aula, explicitaram em seu discurso, aspectos do verbal (dicção, linguagem clara, terminologia adequada, por exemplo) e do não-verbal do docente (uso adequado de gestos ilustrativos, a postura corporal, sinais fisiológicos de cansaço, mau-humor, por exemplo), além da sua consciência no momento da interação. Explicitaram também como acham que deve ser o contato com os olhos dos alunos, a disposição dos móveis na classe, as roupas do professor, suas expressões faciais, o toque entre professor e aluno, a voz e o paraverbal do professor, a distância interpessoal a ser mantida com os alunos e sua postura corporal¹².

SILVA⁷ ressalta que o conhecimento ou não dos códigos não-verbais e o uso dos comportamentos citados podem ser utilizados de maneira eficaz ou ineficaz na comunicação, considerando-os, conseqüentemente, como estímulos motivacionais positivos e/ou negativos em qualquer relação interpessoal, portanto também presentes na relação professor-aluno. Propõe um quadro esquemático, com alguns modelos não-verbais de comunicação, separando-os quanto ao seu uso efetivo/eficaz e ineficaz, referentes a postura física do professor, olhar, uso dos móveis, roupas, expressões faciais, distância interpessoal, entre outros. Esse esquema já foi utilizado para análise de aula de graduação de Enfermagem⁵.

Partindo da importância que assumem os comportamentos do professor em sala de aula, influenciando o aprendizado dos alunos, nos propomos a realizar esse estudo, onde se torne mais explícito o conhecimento, ou seja, a importância e a idéia que os alunos de graduação em Enfermagem tem desses códigos, na sua vivência em sala de aula, comparando os resultados também com as categorias encontradas junto aos docentes de Enfermagem em estudo feito anteriormente e já citado¹².

OBJETIVO DO ESTUDO

Diante da problemática exposta nos propusemos a:

- Verificar junto aos alunos de graduação em Enfermagem, os aspectos da comunicação verbal e não-verbal do docente que interferem e que facilitam na sua

interação em sala de aula, comparando com os aspectos referidos pelos docentes de Enfermagem como importantes¹².

MATERIAL E MÉTODO

Foi um método exploratório, descritivo e transversal, desenvolvido em um curso de graduação em Enfermagem da cidade de São Paulo de uma faculdade pública. A população foi composta de 15% dos alunos da cada ano de graduação em Enfermagem, que aceitaram participar da pesquisa, totalizando 50 estudantes. A amostra foi aleatória, por sorteio.

1 Procedimento de coleta de dados

Entramos em contato junto a Comissão de Ética da instituição para aprovação do projeto. Em seguida, com os discentes da faculdade, expondo o objetivo do estudo e solicitando seu consentimento por escrito para sua participação na pesquisa. Os participantes foram informados quanto à garantia do anonimato, e que o material coletado ficaria à disposição dos participantes interessados. A coleta foi realizada no 1º semestre de 2001 através de questionário com perguntas estruturadas.

2 Tratamento e análise dos resultados

O tratamento dos dados foi realizado pela interpretação dos depoimentos, com base no método de análise de conteúdo, proposto por BARDIN¹³. Para este autor, a análise de conteúdo é o conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores, qualitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. O critério utilizado para categorização das respostas foi temático (foram agrupados todos os temas com o mesmo significado). Os dados foram comparados entre as categorias apontadas pelos alunos e pelos docentes.

RESULTADOS

Ao verificarmos junto aos alunos de graduação em Enfermagem, os aspectos da comunicação verbal e não-verbal do docente que interferem e que facilitam na sua interação em sala de aula encontramos como aspectos que facilitam a interação: **características do professor** (postura - atitudinal e física, além do conhecimento do professor), **características do aluno** (individuais e grupais), **regularidade de contato** e **características comuns a professores e alunos**; como aspectos que interferem na comunicação do docente: o **verbal** (linguagem, idioma e clarificação do entendimento) e o **não-verbal** (o paraverbal - tom e ritmo da voz, os gestos utilizados - expressões corporais, as expressões faciais, a postura - atitudes e o humor - emoções). Além disso, os alunos acham que **a disposição dos móveis na classe** depende da estratégia utilizada pelo professor; **as roupas do professor** tem que ser como ele se sentir melhor, discretas, confortáveis, com cores serenas; nada muito formal, mas adequadas, respeitosas e compatíveis com o professor; **suas expressões faciais (do professor)** têm que expressar o que realmente sentem, ser naturais, transmitir certeza do que falam, ser de sorriso (riso), de entusiasmo, de boa vontade; coerentes com a fala, de humildade, determinação, espontaneidade, calma, bem-estar, amizade, expectativa, transparentes; evitando expressões de censura; **o contato com os olhos dos alunos** é necessário e importante para o vínculo numa **freqüência** que uns disseram que deve ser o mais breve possível e outros constante/permanente; na **forma** pode ser direto (olhar nos olhos) e indireto (não olhar muito nos olhos - o tempo todo inibe, é incômodo); **o toque** (entre

professor e aluno) deve ser controlado, sem ser exagerado, com respeito, dentro do normal, sempre que o professor achar adequado e pode ser um aperto de mão, um toque no ombro, nas costas, dependendo da ocasião, da relação professor-aluno, do grau de intimidade, do conhecimento professor-aluno ou ainda que depende do professor.

A voz do professor quanto a intensidade deve ser audível, clara, sem gritar, suave para que todos ouçam, em relação ao ritmo deve ser pausada sem ser muito monótona e vagarosa, mas também sem muita rapidez, contagiante, com boa dicção, nítida, objetiva, ativa, acolhedora, de fácil entendimento, com ênfase no importante da fala. Demonstraram desconhecer o significado do que é paraverbal:

O paraverbal é representado por qualquer som que o aparelho fonador produz e que não faz parte do sistema sonoro da língua usada. Através do paraverbal são demonstrados sentimentos, características da personalidade, atitudes, relacionamento interpessoal e autoconceito. São representados por grunhidos, pela entonação que é usada na expressão das palavras, pelo ritmo do discurso, pela velocidade com que as palavras são ditas, pelo suspiro, pelo pigarrear e pelo riso ⁽⁷⁾.

A distância interpessoal (mantida com os alunos) deve ser o mais próximo possível, respeitando-se o limite do outro e a distância permitida pela nossa cultura; a postura corporal do professor na postura física deve ficar sempre em pé, ereto, com uma postura ergonômica, andando pela sala e gesticulando, com a cabeça erguida e em direção a dos alunos, na postura atitudinal deve ter uma postura correspondente a de uma sala de aula, ser desenvolto, nunca agressivo, demonstrando maturidade e competência profissional.

Na distância interpessoal, segundo HALL¹⁴ existem quatro tipos de distâncias entre as pessoas: a distância íntima (do toque a 45 centímetros), a distância pessoal (de 45 centímetros a 125 centímetros), a distância social (de 125 centímetros a 360 centímetros) e distância pública (acima de 360 centímetros). Na distância íntima, a presença do outro se impõe; o cheiro, o calor do corpo, o ritmo da respiração e o sopro do hálito são percebidos com bastante nitidez. As defesas possíveis apresentadas normalmente pelas pessoas que se encontram nessa distância por falta de opção são: imobilidade, olhos no infinito, músculos tensos.

Na distância social, os pormenores íntimos do rosto já não são percebidos e ninguém toca ou espera ser tocado. As pessoas que trabalham juntas praticam, geralmente, a distância social. Também é o modo corrente nas reuniões informais; neste caso, não fixar o olhar no interlocutor equivale a negá-lo e a interromper a conversa.

Algumas pessoas não se importam se chegamos muito perto delas, enquanto outras odeiam esse tipo de aproximação. Devemos estar atentos para não ultrapassarmos os limites da 'zona de conforto' dos participantes (alunos). Saberemos se estamos 'passando dos limites' observando suas reações: quando derem um passo para trás ou olharem para outro lado, é um indicativo de que devemos nos afastar⁷.

Ao analisarmos as características encontradas nas respostas dos alunos comparadas com as características referidas pelos docentes como importantes¹² encontramos, portanto, um grande reconhecimento, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos próprios professores, da importância das características dos professores, principalmente as atitudinais para promover uma interação entre ambos com maior facilidade. Lembraram da importância das características dos alunos, assim como os próprios alunos, como facilitadores da interação professor-aluno. Verificamos, então, a grande importância que tem o docente nesta inter-relação como um real facilitador do processo ensino-aprendizagem, sem com isso, desmerecer ou desvalorizar a importância do aluno.

Em relação à **disposição dos móveis**, quando alguns alunos referem preferir o método tradicional de ensino, em que o professor, num auditório, se posiciona frente à sala e despeja o conteúdo da matéria aos alunos, eles estão admitindo que preferem, literalmente, “assistir” às aulas, sem ter que interagir e trocar com o docente. Preferem ser apenas informados dos assuntos, admitindo também a relação de poder inerente à esse modelo, em que o docente é o detentor do saber.

SOUSA¹⁵ explica melhor este modelo quando refere que a comunicação tem como uma de suas concepções fundadoras o modelo da comunicação - transmissão, em que o emissor leva algo a alguém por intermédio de um canal. Este é um modelo de origem na informação (modelo informacional), que é um modelo limitado por não prever a interatividade, ou seja, o processo de troca, de debate, de conflito e de resistência que estão presentes na comunicação como algo mais do que apenas conduzir bem tecnologicamente mensagens. Limitado, também, porque aplicado em comunicação, fragmenta a participação dos diferentes agentes do processo, separando-os e criando, ao mesmo tempo, uma relação de poder do emissor sobre o receptor como que numa relação necessária e sempre hegemônica de um sobre o outro.

Por outro lado, os professores ainda tendem a ensinar mantendo esse modelo tradicional de ensino, mostrando-se alheios às novas tendências. SILVA¹⁶ afirma que a escola não se encontra em recusa com a modalidade comunicacional emergente em que o usuário - consumidor - receptor tem algum nível de participação, de troca de ações e de controle sobre os acontecimentos. O professor, na sala de aula, ainda tem uma postura tradicional fundada na transmissão de conteúdos de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, caracterizando o modelo unidirecional próprio dos meios de comunicação de massa (rádio, imprensa e TV), permanecendo alheio ao movimento das novas tecnologias comunicacionais e ao perfil do novo espectador, menos passivo perante a mensagem. A modalidade comunicacional baseada na bidirecionalidade seria muito oportuna, podendo inspirar a modificação da base comunicacional que faz da sala de aula tão unidirecional quanto os meios de comunicação de massa.

Quanto às **expressões faciais**, a fala dos alunos corrobora a afirmação de SILVA⁷ que nos lembra da importância de nos aproximarmos das pessoas "com a comissura da boca voltada para cima", por ser o sorriso um sinal que diz: não quero brigar com você. Lembra também que as pessoas conversam olhando-se nos rostos e daí a importância de termos consciência de que nossa face expressa nossas emoções, e que às vezes, o outro percebe o que sentimos antes de nós mesmos (o rubor, por exemplo, demonstrando nosso constrangimento, nossa vergonha).

No que se refere ao **contato com os olhos dos alunos**, pelos estudos realizados, sabemos que na nossa cultura o contato com os olhos deve ser regular, pois demonstra aceitação e respeito com o outro; já a ausência de olhar acaba por enfraquecer a conversação. Confirmam que o olhar retrata nossas emoções, como: a surpresa, a alegria, ou a tristeza, atuando também, no controle do nível de atenção e regulando o fluxo da conversação^{7,17}. Já STERN; PAYMENT¹⁸ afirmam que os profissionais da área de treinamento, educadores, no caso, devem se comprometer a estabelecer contato com todos. Enquanto falam, devem olhar diretamente para os olhos de alguém durante alguns segundos e depois, olhar para uma outra pessoa. Lembram ainda como é a sensação quando alguém fala conosco sem olhar-nos nos olhos. E SILVA⁷, diz que outra função do olhar é regular o fluxo da conversação e que, normalmente, na cultura ocidental, as pessoas olham umas para as outras durante 50% do tempo da conversação, aproximadamente. Refere, ainda, que se o olhar ultrapassar esse tempo, podemos identificar raiva ou amor e que, se a pessoa deixar de olhar, denota o desinteresse pela continuidade da conversa.

A importância do olhar é tamanha, que GAIARSA¹⁷ escreve sobre a dificuldade de se enfrentar uma platéia. Refere que não é fácil ter clareza ou sentir-se seguro sobre nossas reações diante de muitas pessoas. Afirma que o motivo parece claro: quem olha vê. Se estamos sendo olhados por muitos, cada qual com suas expectativas, nos perguntamos a quais e a quantos poderemos perceber e/ou responder? Certamente não a todos. Relata ainda que a repressão começa pelos olhos, pela proibição implícita de dizer o que estamos vendo no outro; e sem perceber nossas atitudes e nossas faces. Esta repressão do olhar alheio é outra dificuldade.

Afirma também que quanto menor a dissociação entre a fala e a expressão não-verbal, mais integrada a pessoa estará ao aqui e ao agora, mais inteira. Mais forte também será sua presença para os demais. Garante que toda conversa capaz de diminuir a distância entre o verbal e o não-verbal é terapêutica¹⁷.

Em relação aos **gestos adaptativos**, ou gestos adaptadores, na verdade, funcionam como “muletas”, isto é, são partes do nosso corpo que usamos para liberar nossa ansiedade, para compensar sentimentos de insegurança, ansiedade e tensão. Por exemplo, roer unhas, mexer no cabelo ou utilizar os adaptadores objetuais (brincar com jóia, cigarro, lápis etc). Eles acontecem, principalmente, quando não conseguimos verbalizar o que sentimos diante de um interlocutor presente ou mesmo quando estamos sozinhos⁷. KNAPP¹⁹ e SILVA⁷ lembram que os maneirismos (gestos adaptativos) acabam distraindo e que o ideal seria que não houvesse esse tipo de gestual.

Por fim, na **postura corporal**, é importante lembrar que os sinais não-verbais podem ser voluntários ou involuntários (por exemplo, a dilatação pupilar e o rubor facial) e conscientes ou inconscientes (por exemplo, a própria dilatação pupilar). Não temos controle de toda nossa sinalização não-verbal e é por isso que precisamos do outro para nos desenvolvermos enquanto seres interacionais. Exigir que qualquer pessoa tenha controle de toda sua sinalização é impossível²⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ALVES²¹ quando afirma que professores há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. Toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

MARKET²² nos lembra alguns conceitos e nos fornece algumas dicas que, bem aplicadas, fazem de nós bons professores como: 1) um bom professor quer ser um bom professor; 2) o foco do ensino deveria estar sempre no aprendizado do aluno, não no ensino do docente; 3) quando o ensino é focado no acúmulo de conhecimentos fatuais, o aprendizado rapidamente desaparece (habitualmente depois de um teste correspondente), mas quando o ensino objetiva um alto nível de conhecimento, o que é aprendido é organizado e lembrado de formas úteis; 4) bons professores não falam tanto quanto seus colegas menos eficientes falam; 5) apesar de ser necessário para o docente ser altamente entendido na sua disciplina, talvez seja mais importante mostrar entusiasmo e interesse em ensinar aquela disciplina; 6) bons professores sempre estão pensando em maneiras de melhorar “o que” e “como” os alunos aprendem; 7) aprender conceitos e princípios complexos e incorporá-los em uma estrutura de conhecimento requer tempo, tanto para pensar quanto para uma aplicação prática; 8) bons professores criam uma atmosfera em que os alunos são motivados pelo intrínseco ao invés do extrínseco (por exemplo, passar no próximo exame, obter uma nota alta). O autor acrescenta que quando seus colegas o perguntam quais são os princípios mais importantes de ser um bom professor, ele diz que é

ser entusiasmado pelo próprio ensino e interessado no bem-estar dos seus alunos, preparar-se bem para o seu ensino, ensinar o conhecimento no contexto de solucionar problemas médicos autênticos e estar sempre pensando e trabalhando na melhora do seu ensino e do aprendizado dos seus alunos.

A preocupação do docente quanto ao seu ensino e preparo é extremamente válida, entretanto não é o único fator que deve ser considerado. BARBOSA²³ afirma que a atuação de qualidade do professor depende de toda uma reorganização estrutural do sistema educacional, da valorização profissional da carreira docente e da melhoria significativa da sua formação, oferecendo-lhe condições de permanente aperfeiçoamento e atualização.

Para MORAN²⁴ os padrões tradicionais de formação docente baseiam-se na transmissão de informações e na erudição, preparando os professores, principalmente, para a pesquisa, fazendo-se necessário uma reestruturação pedagógica que os leve a integrar os novos conceitos educacionais. Lembra que é preciso que o professor esteja preparado para integrar e dialogar - junto com seus alunos - com outras realidades além dos limites da escola, articulando-se com outras instituições sociais e culturais - bibliotecas, museus, espaços culturais, empresas, entre outras - e estabelecendo projetos de cooperação e possibilidades variadas de trocas educacionais.

PERRENOUD²⁵ afirma que um dos únicos modelos que persistiu ao longo dos séculos foi o do ensino escolar. Que se um viajante voltasse à vida depois de um século de hibernação veria a cidade, a indústria, os transportes, a alimentação, a agricultura, as comunicações de massa, os costumes, a medicina e as atividades domésticas consideravelmente mudadas. Entretanto, numa escola, ao acaso, encontraria uma sala de aula, um quadro negro e um professor dirigindo-se a um grupo de alunos. Sem dúvida, o professor não estaria mais de "sobrecasaca" ou de avental. Os alunos não estariam mais de uniformes ou de tamancos. O professor teria descido de sua cátedra e o visitante acharia os alunos impertinentes demais. Uma vez começada a aula, talvez ele percebesse alguns traços de uma pedagogia mais interativa e construtivista, de uma relação mais calorosa ou igualitária do que na sua época. Mas, a seus olhos não haveria nenhuma dúvida de que encontrava-se em uma escola.

Um outro fator intervém: a despeito das novas tecnologias, da modernização dos currículos, da renovação das idéias pedagógicas, o trabalho evolui lentamente porque depende pouco do progresso técnico, porque a relação educativa obedece a uma trama bastante estável e porque suas condições de trabalho e sua cultura profissional instalam os professores em rotinas. É por isso que a evolução dos problemas e dos contextos sociais não se traduz *ipsu facto* por uma evolução das práticas pedagógicas²⁵.

É interessante observar que, com esses dados, ficou claro que não é só o docente que pode "se instalar em rotinas"; que alguns alunos, ao descreverem os sinais não-verbais que o professor deve emitir, sugerem posturas bastantes tradicionais como uma postura física em que o professor deva ficar sempre em pé, ereto, parado.

É importante lembrar que a chegada do computador reavivou a certeza de que as diferentes tecnologias, envolvendo o som, a imagem e a escrita podem ter criado formas hegemônicas de uso social, em contextos históricos diferentes, mas que elas não se excluem, ao contrário, se interpenetram. A chegada do computador reforça ainda mais a significação das tecnologias como mediadoras no processo educacional - mediação muitas vezes colocada como condicionante da própria possibilidade de certos tipos de saber - que são exatamente, e apenas isso, tecnologias de mediação¹⁴.

SILVA¹⁶ afirma que comunicar em sala de aula significa engendrar/disponibilizar a participação/exploração livre e plural dos alunos, de modo que a apropriação das

informações, a utilização das tecnologias comunicacionais (novas e velhas) e a construção do conhecimento se efetuem como co-criação e não simplesmente como transmissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SYLVESTER R.: How emotions affect learning. *Educational Leadership* 1994; 13(2): 60-65.
2. BEZERRA, D.B.: *Implicações pedagógicas da comunicação interativa*. [dissertação] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da Universidade Mackenzie; 1996.
3. PAVAN, A. Além dos corações e mentes. *Revista Educação*, v. 28, n. 251, março, 2002. p. 24-27.
4. GOLEMAN, D.: *Inteligência Emocional*. São Paulo: Objetiva; 1995.
5. ROCHA, E.M.: *Comportamento comunicativo do docente de enfermagem e sua influência na aprendizagem do educando*. [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.
6. BODERNAVE, J.D.; PEREIRA, A.M.: *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Petrópolis: Vozes; 1995.
7. SILVA, M.J.P.: *Comunicação tem remédio - a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo: Gente; 1996.
8. DAVIS, F.A.: *Comunicação não verbal*. São Paulo: Summus; 1979.
9. SOMMER, R.: *Espaço pessoal*. São Paulo: EPU; 1973.
10. ROSENTHAL, R. et al.: *Sensitivity to nonverbal communication*. Baltimore: John Hopkins University Press; 1979.
11. SILVA, A.A.: *Julgamento de pessoas desconhecidas: fidedignidade entre juízes, validade de julgamentos e fatores determinantes*. [dissertação] São Paulo (SP): Instituto de Psicologia da USP; 1982.
12. CASTRO, R.K.F.; SILVA, M.J.P.: Influências do comportamento comunicativo não-verbal do docente em sala de aula - visão dos docentes de enfermagem. In: *Programa e Resumos do 7º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*; 2000 junho 5-6; Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: EEUSP- RP; 2000. p. 89.
13. BARDIN, L.: *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 1977.
14. HALL, E.A.: *Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'água; 1986.
15. SOUSA, M.W.: *Comunicação e educação: entre meios e mediações*. Cadernos de pesquisa 1999; 106: 9-25.
16. SILVA, M.A.: *Comunicação interativa e educação*. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 1999.
17. GAIARSA, J. A.: *O olhar*. São Paulo: Gente; 2000.

18. STERN, N.; PAYMENT, M.: *101 segredos para ser um profissional da área de treinamento bem sucedido*. São Paulo: Futura; 1998.
19. KNAPP, M.L.: *La comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós; 1980.
20. SILVA, M.J.P.: *Análise comparativa da aplicação de um programa sobre comunicação não-verbal para enfermeiros hospitalares*. [tese] São Paulo (SP) Escola de Enfermagem da USP; 1998.
21. ALVES, R.: *Conversas com quem gosta de ensinar*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 1984.
22. MARKET, R.J.: What makes a good teacher? *Academic Medicine* 2001; 76(8): 809-10
23. BARBOSA, A.C.L.S.: *Redes e Práticas Docentes: entre a adoção na pesquisa e a resistência no ensino*. [dissertação] São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 2000.
24. MORAN, J.M.: Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: *Moran JM. et all. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papyrus; 2000
25. PERRENOUD, P.: Formar professores em contextos sociais em mudanças. *Revista Brasileira de Educação* 1999; 12: 05-19.

ISSN 1695-6141

© [COPYRIGHT](#) Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia